

## Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XIX- Editorial

Edição: GOMES, Valéria Severina

5

1. Modalidade: Língua Escrita.
2. Tipo de Texto: Editorial
3. Assunto: Editorial que trata de resposta ao que considera difamação promovida pelo jornal A Província.
104. Data do documento: 09 de abril de 1895.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco - Recife.
6. Local de depósito do documento: Setor de Microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)
7. Identificação do autor: autoria não indicada
158. Número de palavras: 1.121
9. Informações Levantadas: Editorial do Diário de Pernambuco nº 81, p. 1.
10. Editor do documento: GOMES, Valéria Severina. Editoriais – *Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Editoriais da segunda metade do século XIX - Editorial 73.)

20

### DIARIO DE PERNAMBUCO

Expliquemo-nos

25

Póde *A Província* prosseguir na sua faina in-|gloria de molestar-nos com dicterios e pi-|cardias: o que não conseguirá, porem, é fazer-nos perder essa “piedosa” calma para cuja oblite-|ração tantas e tão renhidas campanhas nos tem | offerecido. || Não; póde *A Província* ficar descansada: quanto mais longe levar as suas iras, quanto | mais comesinhas  
30forem as suas investidas, tanto | mais nos esforçaremos para manter illesa | [ilegível] serena, essa “piedade” que tanto lhe | [ilegível] os nervos, e só essa arma empunha-|remos só esse escudo opporemos aos golpes | mesquinhos da diffamação. || E que outra deveríamos lançar mão? || Do desafôro pelo desafôro? || Da injuria pela injuria? || O dente por dente e o lho por olho da cartilha | arabica parece que tem a sua applicação espe-|cial,  
35la para aquellas bandas arenosas do Sa-|hara onde Sinoun cresta a fronte bronzeada | do beduino. || Aqui, onde a civilização tem altares, parece | que não é muito a gente dar-se ao fiel cumpri-|mento dos seus sabios. || Não; *A Província* não conseguirá enveredar-|nos por essa trilha tortuosa da linguagem des-|abrida. || Nós não escrevemos para um grupo de desaf-|fectos politicos: o nosso jornal é lido aqui; | como em toda parte onde as  
40embarcações | lançam ancora. || Se a cegueira partidária d’esse estrito am-|bito em que só se respira politica, confirmamos | defeitos que gratuitamente se nos attribue; | fora d’aqui, longe deste borborinho de paixões, | o nosso jornal vai com cair sob as vistas do leitor | alheio as nossas luctas intrinsecos, o unico ha-|bilitado para julgar com isenção de animo da | nossa educação jornalística. || Não; *A Província* não attingira o alvo que | escopa. || Não  
45aceitamos a luva que se nos atira n’este | tremedal em que as armas escolhidas são um | pouco de limo ou um punhado de lixo para | jogar-se á face do adversario. || Todos aquelles

que nos bem desapaixonada-mente; todos aquelles que não nos vêm atra-vez da lente partidaria, que julguem de nossa [ilegível], que digam de que lado está o deses-pero, onde o despeito pequenino e a falsa po-sição. || É de bôa praxe nos hospícios de alienados 50os | enfermeiros penetrarem no cubiculo dos loucos | só com a serenidade de animo unida as ex-pressões edulcoradas de bondade. || Nós não queremos, nem ao de leve, dizer que | os nossos collegas são uns loucos; nem por sonho | fal-o-íamos competir com os infelizes | que perderam a razão. || Mas... nos escriptos de Lombroso e do dis-tincto alienista francez Moradandde Montyel ainda | não encontramos um caso mais celebre de allu-cinação mental 55que este desvairamente politico | de que se acham acconnettidos os nossos col-legas. || Pois *A Provincia* já não se lembrar?... || Ella propria já não acariciouo com tanto mimo | o nosso humilde concurso?... || Ahi está porque nos chama hoje de *lacaíos de | todos os governos...* || Quem é que se não deixa arrastar até as | bordas de um abysmo; quem é que nelle se | não precipita, quando a boa fé até ali lhe enca-minha os passos? || Foi o que 60aconteceu comnosco. ||

.....

.....

65 Corria o anno de 1889.... || O nosso annuario marcava o 15 de Novembro | esta huminosa data que devia tornar-se immor-redoura nos annaes dos nossos fastos politicos. || Nós enchiamos algumas tiras de papel, de-bruçados sobre esta mesma banca em que ora | estamos, quando um telegramma sorprehen-dente, uma noticia de gravissima importancia, | uma d'essas surpresas que aturdem o espirito | mais calmo, fez cair-nos a 70penna da mão e | lançar ponto final no que escreviamos. || O indio brasileiro havia arremegado o sceptro, e despedira altaneiro a setta da liberdade. || Estava proclamada Republica, sem o derra-mamento de uma gota de sangue, por entre | risos e flores somente orvalhadas pelas lagrimas de uma familia despota. || Até aquella data nós militámos sempre em | [ilegível] oppostos áquelles em que "A Provin-cia" sentada as suas 75tendas de combate. || Até aquella data... || Fazia-se mister, porém, esquecer os "velhos odios" e os nossos inimigos da vespera eram os | primeiros a apregoarem essa doutrina como a | unica compativel com o lemma da bandeira | que acabavade ser arvorada: *liberdade, igual-dade e fraternidade.* ||

.....

80 Quem é que se não deixa arrastar até as bor-das de um abysmo quem é que n'elle mesmo | se não precipita quando a boa fé para ali lhe | dirige os passos? || "A Provincia" foi a primeira a entoar o *pe-nitet me pescavi.* || E cumpria-lhe mesmo fazel-o porque dias an-tes ella entoava o "Ave Cezar" ao esposo da | 'herdeira do throno que aportara a estas 85plagas | em propaganda monarchica, ou antes, em perse-guição d'aquelle que por aqui também andava | pregando a liberdade e que tivera mais tarde | um tumulto nas profundezas do Vesuvio. ||

-----

Fazia-se mister, porém, esquecer “os velhos | odios” e nós fizemos mais ainda –  
90esquecemos | as injurias. ||

-----  
Ahi está como “A Provincia” deu-nos a abor-|dagem. || Depois seguio-se o cahos: a  
Republica era de | todos os brasileiros, ou, pelo menos, todos os | brasileiros haviam-n’a  
aceito como um facto | consummado. || “A Provincia” foi a primeira a não ter uma | phrase  
95de piedade para o infeliz louriete a quem | entoara o “Ave Cezar. || Aceitara tambem o facto  
consummado e offe-|refera tambem o eu valioso concurso para o | progredimento da  
instituição nascente. || Foi repellida a principio; masos bons dicta-|mes republicanos  
ordenavam que nenhum bra-|silero, que o guizesse, fosse excluido de ope-|rario do grande  
edificio das liberdades brazi-|liras. || E tomando por norma esse celebre apophthe-|gma do  
100grande philosopho francez, nós vimos | em pouco tempo elevado ao poder um illustre e |  
prestimoso conservador que teve apropriada | de nos approximar d’ “A Provincia”. || É “A  
Procincia”que sempre stygmatisara | não trepidou, então, loureal-o com todas as flo-|res dos  
[ilegível] da amabilidade. || Parecia ter mesmo esquecido os velhos | [ilegível]... || [ilegível]  
como “A Provincia” logrou approxi-|mar-nos. || A Republica o exigia: fazia-se mister esque-|  
105cer “os velhos odios”; e nós fizemos mais – es-|quecemos as injurias. || D’ahi para cá, senão  
actualmente, diga-nos | “A Provincia” onde os partidos militantes? || Uma verdadeira  
confusão perfeitamente justi-|ficada pela decretação de ma reforma feita da | noute para o  
dia com grande surpresa de todos. || Ahi está porque temos sido *lacaïos de todos os |*  
*governos*. || Mas “A Provincia” não se lembra que hoje | está a chamar os mais grosseiros  
110epithetos. || O mundo é este e para diante é que se ca-|minha.

